

A POLÊMICA LITERÁRIA NO SUPLEMENTO *LETRAS DA FOLHA DE S. PAULO* (1989-1990)

Rafael Zamperetti Copetti



O volume de textos catalogados sob a rubrica “Debate” (cerca de 2%) publicados no suplemento *Letras da Folha de S. Paulo* durante os anos de 1989 e 1990 parece inexpressivo se comparado ao total de resenhas, ensaios e informes, os quais representam respectivamente, cerca de 46%, 14% e 12% dos textos publicados durante o período. A rubrica “Resenha”

vem sem expressivas oscilações, desde a publicação do primeiro caderno de *Letras*, mantendo-se soberana, mesmo se comparada à sua concorrente mais próxima, “Ensaio”, tornando desta maneira patente o privilégio concedido pelo suplemento à divulgação do que é disponibilizado pelo mercado editorial nacional e, em alguns casos, pelo mercado norte-americano, pois a *Folha* possui os direitos de publicação no país de artigos oriundos do *Book Review*, suplemento literário do jornal *The New York Times*.

Entre os textos catalogados sob a rubrica “Debate” figuram contestações em torno da tentativa de leilão de parte do acervo do Arquivo Histórico do Estado de São Paulo, a fim de angariar fundos para modernização do mesmo e, principalmente, discussões ligadas à qualidade editorial, conteudística ou de tradução de algumas obras divulgadas no caderno, as quais envolvem nomes como Ítalo Caroni, Rogério Sganzerla, Eric Alliez e Boris Schnaiderman.

Porém, os debates mais representativos das tensões que permeiam *Letras* surgiram a partir de uma resenha conjunta dos livros *Brida*, de Paulo Coelho, *Onde andaré Dulce Veiga?*, de Caio Fernando Abreu e *Ua: brari*, de Marcelo Rubens Paiva, assinada por Fernanda Scalzo e Fernando de Barros e Silva¹; e também a partir da publicação de uma entrevista concedida por José Guilherme Merquior ao jornalista e

¹ SCALZO, Fernanda; SILVA, Fernando de Barros e. “Best-seller brasileiro explora tema místico”. In: *Letras*, 25/08/1990, p.4.

escritor Bernardo Carvalho, seguida de uma resenha da coletânea de ensaios *Crítica — 1964-1989*, também de Merquior, escrita por Ricardo Musse.²

A presença de Paulo Coelho em *Letras* deve-se principalmente à lista dos dez livros mais vendidos da semana, categoria ficção³, cujo topo o “mago” ocupou quase ininterruptamente durante o ano de 1990 devido ao sucesso de vendas de *O alquimista* e *Brida*; e, também, a poucas notas publicadas à *Segunda Página* do suplemento. A primeira menção ao nome de Paulo Coelho como autor citado propriamente dito, se deve a uma reportagem de Fernanda Scalzo a respeito da abertura ao público da 11ª Bienal do Livro, em agosto de 1990.⁴ Em seu texto, Scalzo, além de comentar as atrações programadas para o evento e noticiar que a expectativa de vendas durante o mesmo girava em torno de 600 mil volumes, informa o lançamento de *Ua: brari*, de Marcelo Rubens Paiva e de *Onde andaré Dulce Veiga?*, de Caio Fernando Abreu, os quais seriam candidatos a best-seller e estariam aptos a disputar o topo da lista dos livros mais vendidos com *Brida*, de Paulo Coelho, que, assim como os dois outros autores, estaria presente naquela edição da Bienal.

No que se refere a Marcelo Rubens Paiva, pode-se dizer que as raras vezes que seu nome figura em *Letras* devem-se às escassas notas publicadas à *Segunda Página*, como no caso de Coelho, e a um ensaio de Silviano Santiago acerca do discurso memorialista na obra de Drummond, no qual o crítico discute a enxurrada de textos autobiográficos ocorrida durante as décadas de 70 e 80.⁵ Silviano ressalta que, ao contrário dos modernistas, os quais tinham por trás o “respaldo de toda uma vida dedicada à arte, o respaldo de uma obra ficcional ou poética”, a geração de Marcelo Rubens Paiva não tem o respaldo de uma obra anterior, apenas julga suas experiências dignas de relato.

As referências a Caio Fernando Abreu também são poucas: uma nota que complementa uma reportagem acerca do abalo sofrido pelo mercado editorial brasileiro com o Plano Collor⁶, matéria a respeito das conseqüências do exílio para o escritor

² MERQUIOR, José Guilherme; CARVALHO, Bernardo. “Em seu 20º livro, José Guilherme Merquior ataca 'paradigma formalista'”. In: *Letras*, 03/11/1990, p.4-5; MUSSE, Ricardo. “Livro expõe crítica da cultura às avessas”. In: *Letras*, 03/11/1990, p.4-5.

³ À época, as listas dos livros mais vendidos não continham as categorias “Esotéricos” ou “Auto-ajuda”.

⁴ SCALZO, Fernanda. “Bienal é grande esperança de venda dos editores”. In: *Letras*, 18/08/1990, p.3.

⁵ SANTIAGO, Silviano. “Discurso memorialista de Drummond faz síntese entre confissão e ficção”. In: *Letras*, 07/04/1990, p.4-5.

⁶ CANÇADO, José Maria. “Programa de estabilização abala o lançamento de vários livros em 90”. In: *Letras*, 24/03/1990, p.1.

chileno Poli Délano⁷ e, por fim, algumas citações à *Segunda Página*. No primeiro caso, o texto, sob responsabilidade da redação, aborda a delicada situação em que ficaram os projetos de trabalho literário remunerados com o fim da Lei Sarney e destaca que não estão livres de problemas os escritores Ana Miranda e Caio Fernando Abreu, que à época recebiam salário da Cia. das Letras. No segundo texto, Eric Nepomuceno, ao comentar a visita de Poli Délano a São Paulo, informa que o escritor chileno se encontrou com alguns escritores brasileiros, entre eles Caio Fernando Abreu e Raduan Nassar. Vale ressaltar que Caio Fernando figura ainda como autor colaborador, desta vez através da publicação de um fragmento de *Onde andaré Dulce Veiga?* na seção *Primeira Leitura*.

Retomando a polêmica em torno dos “best-sellers brasileiros”, nascida do ataque deliberado de Fernanda Scalzo e Fernando de Barros e Silva às obras de Caio Fernando Abreu, Marcelo Rubens Paiva e, principalmente, Paulo Coelho, verifica-se que, para Scalzo e Barros e Silva, as obras em questão não serão “best-sellers” por acaso, pois têm em comum “o fato de explorarem em graus variados um fetiche em moda na sublitteratura: a modorra mística que parece agradar o gosto do leitor médio.”⁸

Porém, os resenhistas observam diferenças qualitativas em relação às obras resenhadas, pois diferenciam os “deslizes literários” de Caio Fernando Abreu e Marcelo Rubens Paiva do “projeto místico de Paulo Coelho”. Para o “mago e guru dos freqüentadores de shopping centers”, cujo método seria a mescla do cristianismo de Richard Bach, a bruxaria de Marion Zimmer Bradley e o esoterismo “anos 60” de Carlos Castañeda, fica a sarcástica sugestão de lançamento de “um iogurte dietético chamado ‘Brida’” ou ainda o lançamento de um “bonequinho chamado ‘Alquimista’ para concorrer com o He-Man”.

Barros e Silva, em nota da redação, tampouco poupa a coleção “Cantadas literárias”, da editora Brasiliense, de cujo catálogo fizeram parte os livros *Morangos mofados*, de Abreu e *Feliz ano velho*, de Paiva. Para Barros e Silva, o acerto de Caio Graco e Luiz Schwarcz foi apresentar ao público a possibilidade de conciliar “leitura e prazer imediato”, pois “investiram em temas do cotidiano e textos fáceis para arrebanhar um público sem cultura e carente de referências literárias”.

⁷ NEPOMUCENO, Eric. “Poli Délano virou escritor fantasma no exílio”. In: *Letras*, 31/03/1990, p.6.

⁸ SCALZO, Fernanda; SILVA, Fernando de Barros e. “Best-seller brasileiro explora o tema místico”. In: *Letras*, 25/08/1990, p.4.

Em sua réplica intitulada “Não existe mais método para a crítica jornalística”⁹, Marcelo Rubens Paiva tenta, de maneira irônica, desqualificar a crítica jornalística como um todo afirmando, entre outras coisas, que “alguns garotos e garotas, recém saídos das escolas de comunicação, ganham um crachá da *Folha* e um nome de presente para assinarem artigos”. Para o irônico Paiva, a crítica jornalística não está interessada na obra em si; pelo contrário, manipulada por interesses comerciais, encontra-se atenta a questões mercadológicas.

Além de defender enfaticamente o colega Paulo Coelho, afirmando que sua obra é literatura, pois o escritor “soube se comunicar” e que “o público quer lê-lo, agradecer a digestão, fácil ou não” de sua obra, Paiva diz-se admirado com a independência do caderno de cultura da *Folha*, onde, segundo ele “qualquer um” pode escrever sobre literatura, sejam eles oriundos da Metodista, Cásper, ECA ou PUC. Paiva chega ao extremo quando escreve: “às vezes penso que a democracia é um sistema inventado pela maioria imbecil que quer disseminar a vulgaridade e a incompetência. A diretoria da *Folha* permitiu que todos assinassem, e alguns não conseguem disfarçar a ansiedade: levam muito a sério a si próprios”.¹⁰

No que se refere à crítica ao seu próprio “sublivro”, como ele mesmo ironicamente o nomeia, Paiva afirma que os resenhistas não o leram, pois não se trata de misticismo, trata-se de uma história de amor, ainda que aborde o mito dos índios Macuxi.

Partindo para a tentativa de legitimação de *Morangos mofados* e *Feliz ano velho*, Paiva evoca nomes como Walt Whitman, Ana Cristina Cesar e Paulo Leminski na tentativa de mostrar que a coleção “Cantadas literárias” não é uma “coleção de textos fáceis para arrebanhar um público sem cultura”, como afirmara Barros e Silva em nota da redação.

Para Barros e Silva, em sua tréplica, Paiva, que não possui obra que lhe dê respaldo para defender escritores como Walt Whitman ou Guimarães Rosa, vale-se da “tentativa heróica” de defesa de “um 'clube imaginário' de escritores injustiçados” para desqualificar a crítica jornalística. Ainda segundo Barros e Silva, a defesa por parte de Paiva do “outro guru dos freqüentadores de shopping centers que alguns preferem

⁹ PAIVA, Marcelo Rubens. “Não existe mais método para a crítica jornalística”. In: *Letras*, 27/10/1990, p.6.

¹⁰ Idem.

chamar de escritor”, Paulo Coelho, deve-se ao fato de Paiva nunca ter existido como escritor, talvez somente como guru.

Continua Barros e Silva afirmando que caso Paiva soubesse o que é literatura não se valeria do fato de Paulo Coelho “saber se comunicar” para afirmá-lo como escritor. Por fim o resenhista sugere a Paiva a leitura do último capítulo de *Mimesis*, de Erich Auerbach, e de *A estrutura da lírica moderna*, de Hugo Friedrich, a fim de que o escritor compreenda o porque de a literatura não poder ser definida “como o ato de 'saber comunicar'”. Já Scalzo, em nota da redação que compõe a tréplica, afirma que a recepção é diversa para cada obra, pois a crítica “não é um saco de farinha, onde cabe tudo”; afirma ainda que Paiva, antes de preocupar-se se é um grande ou um sub escritor, “deveria se empenhar muito para se tornar escritor”.¹¹

Nesta discussão se destacam principalmente Fernanda Scalzo e Fernando Barros e Silva em virtude do êxito obtido ao apontar a incongruência do discurso de Marcelo Rubens Paiva e, em menor grau, Paulo Coelho e o próprio Paiva, pois os dois autores, de alguma forma, foram contemplados com um pouco mais de publicidade para suas obras dentro de *Letras*. Principalmente Paulo Coelho que, no último caderno publicado em 1990, exprime ao lado de outras 15 “personalidades”, entre elas João Cabral de Melo Neto, Marilena Chauí, Lya Luft, Moacyr Scliar e Renato Janine Ribeiro, sua opinião acerca dos melhores livros do ano, os quais, segundo ele, coincidentemente são *Onde andaré Dulce Veiga?*, de Caio Fernando Abreu, *Ua: brari*, de Marcelo Rubens Paiva e, finalmente, *Brida*, do próprio Coelho.¹² No que se refere a Paiva, sua réplica serviu como agente divulgador de sua obra, não tendo ele mais figurado em *Letras* após o episódio a não ser quando citado por Paulo Coelho como autor de um dos melhores livros do ano.

Já Caio Fernando Abreu, apesar de seu *Onde andaré Dulce Veiga?* ter merecido pequena resenha junto a diversas outras obras (algumas delas escritas por autores já consagrados) em virtude da proximidade do natal daquele ano, foi o grande prejudicado desta polêmica.¹³ Enquanto os outros dois autores continuaram praticamente ignorados pelo jornal no que se refere à divulgação de suas obras, Abreu, que até então vinha sendo bem recebido nas páginas de *Letras* (o melhor exemplo disso é a publicação de um fragmento de *Onde andaré Dulce Veiga?* na seção *Primeira Leitura*), parece ter

¹¹ SILVA, Fernando de Barros e. “Paiva e o baú da felicidade literário”. In: *Letras*, 03/11/1990, p.7.

¹² CARONE, Silvia et al.. “Personalidades escolhem os melhores do ano”. In: *Letras*, 29/12/1990, p.7.

¹³ *Letras*. “Escolha seu presente de Natal entre os melhores do ano”. In: *Letras*, 15/12/1990, p.4-5.

sofrido um revés que pode ter prejudicado a imagem de escritor sério que vinha sendo construída com a ajuda do próprio *Letras*.

Esta discussão evidencia o que se poderia chamar, por ora, de uma primeira tensão existente dentro do suplemento, pois, de um lado, os autores em questão são duramente atacados e por outro contemplados, em maior ou menor grau, com espaço para a divulgação de suas obras. O principal exemplo neste caso é Caio Fernando Abreu que teve um fragmento de uma obra sua publicado na seção *Primeira Leitura* e, em seguida, Paulo Coelho, que figurou junto a outros autores já consagrados.

Se se considera *Letras* como um todo, tem-se a impressão de que há uma certa indecisão acerca do que deve ou não ser divulgado no caderno, apesar de este não ser, como também não o é a crítica, um “saco de farinha”. Por agora, arrisco sugerir que há no mínimo alguma relação entre esta certa indecisão de *Letras* e o ritmo frenético das redações de jornal que impediriam uma “melhor sistematização das idéias”¹⁴ e, também, com a pressão exercida pelo mercado editorial que, talvez, valha-se de números de vendagem expressivos como método coercitivo sobre jornalistas a fim de que estes divulguem certas obras ou certos autores.¹⁵

No outro extremo do que se poderia chamar de “natureza do debate” presente em *Letras* encontra-se a já referida polêmica envolvendo o crítico e então embaixador brasileiro junto à UNESCO José Guilherme Merquior, o resenhista Ricardo Musse e o jornalista e escritor Bernardo Carvalho; polêmica esta que, se pensada junto à controvérsia em torno dos “best-sellers brasileiros”, pode ser de grande valia para a tentativa de compreensão das diversas tensões que permeiam o suplemento *Letras*. Vale a pena ressaltar que do mesmo modo que os autores envolvidos na querela em torno dos best-sellers, José Guilherme Merquior não é um nome recorrente em *Letras*, tendo figurado anteriormente ao início do debate em que se envolveu somente em três ocasiões; quando da publicação das resenhas dos livros *Rousseau e Weber - Dois estudos sobre a teoria da legitimidade*, de sua autoria¹⁶, e de *Figuras do Estado*

¹⁴ SILVA, Carlos Eduardo Lins da. “Repórteres mantêm vícios de jornal em livro”. In: *Letras*, 20/10/1990, p.6.

¹⁵ Enquanto a tiragem média das obras divulgadas em *Letras* é de 3.000 exemplares, *Brida*, segundo Fernanda Scalzo, vendeu mais de 80.000 exemplares em três semanas. A tiragem de *Brida*, segundo indicação de *Letras*, é de 5.000 exemplares.

¹⁶ FRIAS FILHO, Otavio. “Merquior discute legitimidade em Rousseau e Weber”. In: *Letras*, 03/02/1990, p.3.

moderno, de João Carlos Brum Torres¹⁷, além de ter sido citado uma única vez na seção *Segunda Página*.

A polêmica resenha de Ricardo Musse, que discute a coletânea *Crítica*, tem como fio condutor a separação dos textos do “Merquior crítico literário do Merquior crítico da cultura”. Para os textos do “Merquior crítico literário”, o jornalista dispensa poucas linhas, afirmando ser possível a identificação de tais textos através de “um simples exame de seu método” e, também, que Merquior “está, sem dúvida, mais próximo da escola carioca do que do padrão instaurado na crítica literária paulistana por Antonio Candido”. No que tange ao “Merquior crítico da cultura”, Musse é mais incisivo. Diz:

Na dúvida entre ser crítico ou erudito, opta pela superficialidade. Merquior utiliza-se da terminologia filosófica sem controle conceitual, ou mesmo, senso histórico, manipulando conceitos sem referência e vinculando pensamentos sem mediações. Assim, abundam em seus textos generalizações apressadas que colocam, por exemplo, Marx e Platão como pertencendo a uma mesma escola.¹⁸

Continua o resenhista, agora referindo-se às posições de Merquior em relação à modernidade:

No afã de se dotar de uma perspectiva histórico-filosófica da totalidade da cultura ocidental, Merquior recai numa obsessão: a afirmação reiterada de que o cerne do modernismo ocidental, ao contrário do que se pensa, não foi libertário, mas foi, culturalmente, e à vezes, mesmo politicamente, reacionário.

Essa concepção é uma idéia chave que preside a articulação de todos os seus textos de crítica cultural desde a apologia de Goethe até a recusa do paradigma 'contracultural' da crítica moderna. Aliás, no figurino redutor de Merquior, toda e qualquer crítica à modernidade nada mais é do que um ressaibo de irracionalismo romântico.¹⁹

É importante frisar que, apesar de a discordância de Merquior referir-se em um primeiro momento fundamentalmente ao texto de Musse, o crítico não perdeu a oportunidade de atacar a Universidade, além de Bernardo Carvalho, este, ao que parece, usando como pretexto uma falha ocorrida durante a transcrição da entrevista.

¹⁷ SCHWARTZ, Gilson. “Obra desmonta teses liberais e marxistas sobre o Estado”. In: *Letras*, 20/05/1989, p.7.

¹⁸ MUSSE, Ricardo. “Livro expõe crítica cultural às avessas”. In: *Letras*, 03/11/1990, p.4-5.

¹⁹ Idem.

Em sua réplica Merquior procura, antes de principiar a discussão dos pontos controversos da resenha, desqualificar a crítica jornalística e, também, a Universidade. Diz:

O resenhador de minha antologia [...] é apresentado como um jovem 'doutorando em filosofia na USP'. Não sei se aos doutorandos em 'filô' da USP se exige saber ler antes de pretender julgar. Em caso positivo, temo pelo doutoramento de Musse, porque as liberdades que tomou com o texto alheio não são de molde a inspirar confiança.²⁰

No que se refere aos argumentos da resenha de Musse que suscitaram discórdia, Merquior sustenta sua defesa baseando-se em três pontos: 1) a recusa das “generalizações apressadas e levianas” tecidas pelo resenhista (leia-se a afirmação de que “no figurino redutor de Merquior, toda e qualquer crítica à modernidade nada mais é do que um ressaibo de irracionalismo romântico”, e a omissão do contexto, por parte de Musse, quando este escreveu que Merquior incluiu Marx e Platão na mesma escola); 2) o combate à acusação de ter obsessão pela “denúncia do elemento reacionário no modernismo estético”; 3) a rejeição da existência do “animal bizarro” que seria a suposta escola crítica carioca.

Farpas da agressiva réplica de Merquior atingiram também seu entrevistador, o jornalista Bernardo Carvalho, que teve seu nome ligado à “pura e simples ignorância” por desconhecer o poeta Metastásio, do Setecentos italiano, fato evidenciado por um erro de transcrição da entrevista. Em nota que acompanha a réplica de Merquior, Carvalho admite não só não conhecer Metastásio e não se envergonhar disto, em virtude de considerar de maior importância a leitura qualitativa do que aquela quantitativa, como também a existência de problemas na transcrição da entrevista. No entanto, o jornalista acusa o embaixador de desconhecer, na ocasião da realização da entrevista, o texto “Das Umheimlich”²¹, de Freud, que discute o conto *O homem da areia*, de Hoffman, o qual seria o objeto de um dos ensaios contidos em *Crítica*.

Na réplica que dá seqüência do debate, além de se mostrar contrário ao que nomeia “concepção artesanal da produção intelectual” do “ultra-romântico enrustido” que seria Merquior (concepção entendida por Musse como sendo a necessidade de controle da produção, consumo e fruição de uma obra por parte do autor), o resenhista

²⁰ MERQUIOR, José Guilherme. “Resenhador de 'Crítica' foi apressado e redutor”. In: *Letras*, 17/11/1990, p.6.

²¹ Segundo *Letras*, “A estranheza inquietante”.

reage às acusações do crítico rechaçando duas questões levantadas por ele na réplica.²²

1) Musse afirma que através da leitura da réplica de Merquior pode-se perceber o que ele [Musse] pretendeu dizer com “generalizações apressadas”. A este respeito escreve:

Sem sequer me conhecer, a partir de uma só frase que me apresenta como estudante da USP, ele traça considerações genéricas sobre as minhas atividades escolares, o meu futuro acadêmico, a universidade, a imprensa, a situação da cultura no Brasil etc. Ao ver a folha de uma árvore, o nosso embaixador na Unesco apronta seus canhões e abre fogo — contra a floresta inteira. Foi essa facilidade metodológica que critiquei.²³

2) no que tange à discussão relativa ao modernismo estético, Musse afirma não ter-se mostrado contrário à análise da trajetória de Lukács feita por Merquior, mas sim ter afirmado que o crítico “fez da autocrítica de Lukács, do célebre posfácio de 1967 à *História e consciência de classe*, um paradigma para toda a compreensão da modernidade”.

Escreve Musse:

A modernidade estética, para Merquior, não teve na contracultura apenas um de seus momentos, mas deságua necessariamente na contracultura, possuindo em si o germe determinista que a gerou. Ao criticar esse descompasso entre o (bom) processo de modernização social e o (mau exemplo) do euromodernismo, o nosso embaixador Merquior parece ignorar que a acusação oposta também pode ser e já foi feita. Por ela, o modernismo estético é um mero apêndice da modernização social, é apenas uma apologia da sociedade tecnológica e da dominação tecnocrática. Ambas as acusações têm fortes argumentos ao seu favor, porém, eis a minha crítica, ambas fazem um recorte apenas unilateral da modernidade.²⁴

Por fim, este debate se encerra com a publicação simultânea de um texto de Celso Lafer²⁵ em dezembro de 1990 e outro de Merquior²⁶, cerca de um mês antes do falecimento do crítico.

Em seu texto, Merquior volta a atacar o jornalista Bernardo Carvalho, que substitui Ricardo Musse como foco de suas investidas. Porém, desta vez, o ataque se dá principalmente a propósito do fato de o jornalista ter afirmado na já citada nota anexa à réplica de Musse que o crítico não conhecia o texto “Das Umheimlich”, de Freud. Para

²² MUSSE, Ricardo. “Merquior vê a folha da árvore e atira na floresta”. In: *Letras*, 1º/12/1990, p.6.

²³ Idem.

²⁴ Idem.

²⁵ LAFER, Celso. “Discussão exige 'calma para ver e honestidade para informar”. In: *Letras*, 08/12/1990, p.2.

²⁶ MERQUOR, José Guilherme. “O poeta Metastásio, Sigmund Freud, Hoffman e outros detalhes”. In: *Letras*, 08/12/1990, p.2.

Merquior, Carvalho não teria competência para se estabelecer, pois, entre os diversos tópicos discutidos em *Crítica*, o jornalista se concentrou somente em um, “O formalismo na crítica”.

Ainda no que se refere a “Das Umheimlich”, Merquior afirma ter declarado na entrevista citada que à época em que escreveu o referido ensaio acerca do conto “O homem da areia”, em 1964, então aos 23 anos, desconhecia o texto freudiano; porém, sua leitura ulterior, a partir da década seguinte, resultou no livro *O fantasma romântico*, de 1980. O crítico afirma ainda que não se pode dizer que “Das Umheimlich” discute o conto de Hoffman, pois, das quase 40 páginas que compõem o texto, cerca de 8 discutem o conto em questão.

Para Merquior, o não conhecimento, à época, de “Das Umheimlich” “nada influenciou na qualidade interpretativa de um ensaio onde, influenciado por Antonio Candido, [...] tentava, lukaesianamente, uma leitura histórico-ideológica, e não psicológica”.

Celso Lafer, no texto que terminantemente encerra este debate, foca seu discurso sobre a réplica de Musse em virtude, segundo ele, de a resenha de *Crítica* já ter merecido réplica do próprio Merquior. Lafer entende que conceber Merquior como sendo um “um ultra-romântico enrustido”, afirmar que ele “não entendeu Habermas” e sugerir que desconheça “o padrão instaurado na crítica literária” por Antonio Candido é desconsiderar o que é discutido em sua obra e, por fim, ressalta que há no discurso de Musse “um procedimento de desqualificação da obra de Merquior através de uma opacidade intencional da consciência, que é um dos aspectos menos iluminados da crítica ideológica”.

Os dois debates apenas descritos parecem sintetizar as principais tensões que permearam o suplemento *Letras* durante os anos de 1989 e 1990: a coexistência de objetos de análise oriundos de diversos domínios; a disputa entre o crítico jornalista, o crítico acadêmico e o escritor no que tange a legitimidade para o exercício da crítica; e a relação entre *Letras* e o mercado. Porém, devo ressaltar que o objetivo deste texto é apenas apontar possibilidades de leitura das tensões presentes no periodismo cultural da *Folha*.

A coexistência em *Letras* de objetos de análise pertencentes aos domínios cultura de massa e da alta cultura é evidente: de um lado temos as polêmicas envolvendo Paulo Coelho, Marcelo Rubens Paiva e Caio Fernando Abreu e de outro José Guilherme Merquior, o que, por si só, demonstra a intenção do suplemento de

abarcam um público leitor heterogêneo pois, seguramente, a plena fruição do debate em que se envolveu Merquior exige o domínio de conceitos muito mais complexos do que aqueles exigidos para o primeiro debate. Desta forma, a presença destas duas polêmicas no mesmo veículo parece ser um sintoma da fragilização daquilo que Andreas Huyssen nomeou “Grande Divisor”, ou seja, “o tipo de discurso que insiste na distinção categórica entre alta arte e cultura de massa”²⁷, embora este mesmo “divisor” seja um dos argumentos utilizados nos debates.

No entanto, talvez o mais importante e ao mesmo tempo evidente ponto em comum entre estes dois debates seja a tentativa de desqualificação do crítico não acadêmico, que é atacado tanto pelo escritor quanto pelo crítico acadêmico. Se no primeiro caso os resenhistas são acusados de serem “qualquer um”, o que de fato não são de acordo com a denúncia presente na réplica de Paiva, de que tiveram formação em escolas como a Metodista, Cásper, ECA ou USP, no segundo caso é como tentativa de desqualificação do resenhista que a qualidade do Curso de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de São Paulo e conseqüentemente a formação de seus egressos que é questionada.

Porém, é a continuidade de ambos os debates que evidencia o respeito que a crítica acadêmica ainda detém, apesar de ter perdido espaço para a crítica jornalística; pois, se de um lado, a réplica de Paiva é questionada pelo fato de o escritor não possuir obra que o respalde para defender escritores já consagrados, no caso de Ricardo Musse e sua resposta à réplica de Merquior, o que chama a atenção é o fato de o resenhista se colocar na defensiva, como se tivesse avançado o sinal e, portanto, só lhe restasse a autodefesa. Este aspecto do debate, e, também, de modo geral, o tratamento dispensado aos livros em *Letras*, parecem ser, respectivamente, o desdobramento da disputa iniciada nos anos 40-50 entre os antigos “homens de letras” do início do século XX e os críticos egressos das primeiras faculdades de Filosofia brasileiras e da evolução da indústria cultural no Brasil, observada por Flora Süssekind em *Papéis Colados*. Diz:

O que se percebe na década de 80 é que o crescimento editorial, ao contrário do que seria de esperar, se desestimula uma reflexão crítica mais atenta (já que o interesse primordial é vender livros, não analisá-los), estimula, por sua vez, nova ampliação do espaço para a literatura na imprensa. Isto é: espaço para a resenha, a notícia, para um tratamento sobretudo comercial do livro. É de se esperar então, que mais uma vez cresça o poder do crítico jornalista, do

²⁷ HUYSSSEN, Andreas. *Memórias do modernismo*. Trad. Patrícia Farias. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996, p.9.

'não-especialista', para retomar expressão adequada às discussões dos anos 40-50 em torno do rodapé. É possível prefigurar também outro duelo. De novo entre *scholars* e jornalistas. Com diferenças, no entanto. Dentre elas o fato de, sob o nome dos contendores, se acharem inscritos os dos veículos e instituições que naquele momento representam. E que podem se descartar de seus galos de briga sem maiores problemas. Porque a conquista de autoridade intelectual, depois do desenvolvimento da indústria cultural na escala em que se deu no Brasil desde os anos 60 em especial, não é mais entre dois intelectuais, como no confronto Afrânio Coutinho-Álvaro Lins. É entre 'instituições', entre formas de produção e reprodução de dados. Entre imprensa e universidade, no caso. Entre duas máscaras da indústria da consciência, portanto.²⁸

²⁸ SÜSSEKIND, Flora. *Papéis Colados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993, p.32.